

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

ORLANDO ALVES

- PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE -

DISCURSO DE TOMADA DE POSSE

Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Autoridades Cívicas e Religiosas
Senhores deputados
Senhores vereadores
Senhores Presidentes de Câmara presentes
Minhas senhoras e meus senhores,

Por vontade expressa e resultante da consulta à população do concelho no ato eleitoral do passado dia 29, consuma-se hoje a solene investidura dos eleitos de Montalegre, aqueles que nos próximos 4 anos têm como atribuição a promoção e salvaguarda do interesse das populações e o desenvolvimento do território.

E quase sem me dar conta cá estou perante vós a assumir o honroso cargo de presidente da Câmara enquanto fico à espera que todos os barrosões me deem a distinção e o privilégio de olharem-me como presidente de todos na senda e seguimento do propósito que me anima e quero ser.

Não se chega aqui por acaso. E pela parte que me toca posso dizer que me fiz.

O 25 de Abril, porventura o dia e momento histórico mais lindo que a um cidadão é dado viver, envolveu-nos a todos na onda entusiasmante de nos sentirmos úteis e obreiros da construção do nosso futuro coletivo.

Participar e ser ativista era assim uma obrigação!

Tudo ao contrário dos tempos que correm em que a perigosa descrença dos portugueses no Estado e nas suas Instituições a todos vai progressivamente afastando da participação na coisa pública.

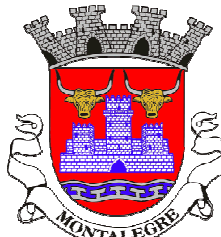
Mas não se chega a presidente de uma Câmara prestigiada como a nossa por acaso.

E na parte que me toca quase posso dizer que tive a sorte de paulatina e inadvertidamente me ir fazendo.

Na verdade nunca tal estive nos meus propósitos nem é resultante de qualquer estratégia ou pré-formatação.

Como atrás disse, o 25 de abril foi de tal modo vivido pela generalidade dos portugueses que todos se sentiram motivados à participação.

Foi aí que apareci. E como os demais da minha geração e igualha, coleí cartazes, agitei preconceitos, participei em jornadas de alfabetização, fui autarca de freguesia, vereador na oposição durante 2 mandatos e há quatro mandatos com funções executivas nesta mesmíssima casa.



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

Mas também me envolvi na criação de Associações de todo o tipo de que fui dirigente e ajudo ainda a manter a atividade, fui inventor ou agente cultural e até tocador de bombo num célebre grupo de Cantares. Foram, pois, muitos anos de militância política, cívica, cultural e de assunção plena dos deveres da cidadania.

Sou assim produto de tudo isso. Bem como dos muitos amigos e apoios que o meu caráter e forma de estar permitiu fazer e ajudou a preservar.

Ao tomar posse deste mandato, à frente dos destinos do município, permitam-me que saúde o poder local democrático que o 25 de Abril tornou possível e felicite todos quantos desempenharam funções autárquicas na nossa terra e contribuíram nessa qualidade para o desenvolvimento do concelho.

E nesta conformidade, permitam-me que destaque e dê particular enfoque ao contributo dado pelo Dr. Pires que, quer como presidente da Câmara, quer como digno presidente da Assembleia Municipal, muito fez para a dignificação do exercício da ação política e engrandecimento da nossa terra.

Agora que, por vontade própria, se retira dos cargos políticos e se remete à condição de militante de base é justo que, na assunção de que tenho a certeza representar o sentir e pensar de todos os barrosões, é justo, dizia, que diga: obrigado Joaquim Pires. Obrigado Camarada.

É uma honra podermos contar contigo no exercício da nobre missão de Presidente da Assembleia Municipal.

Ao Fernando Rodrigues saúdo também e agradeço o apoio recebido bem como a oportunidade de com ele haver aprendido a arte da boa governação. Esta não foi uma sucessão combinada entre nós. Sais quando muito o concelho precisava por imperativo exclusivamente legal. E ao longo de muito tempo, acredita, se ouvirá sempre dizer que foste o grande presidente que Montalegre teve e que jamais alguém ousará suplantá-lo.

Agradeço, por último, ao honrado povo de Barroso a forma clara e expressiva como nos elegeu e a confiança depositada para o podermos representar e continuar a servi-lo.

Ninguém nasce para ser presidente do que quer que seja. As coisas vão simplesmente acontecendo.

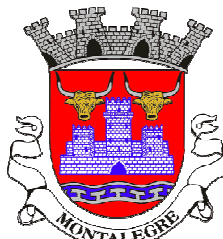
Mas aqui chegado deixai que vos diga que é uma honra enorme representar Barroso e os barrosões.

Há que dizer agora ao que venho.

E este é o sítio e o momento adequados.

Anunciei durante a campanha eleitoral que vinha animado de um propósito que, aliás usei como lema: **CONTINUAR BARROSO**.

Continuar com o mesmo empenho, determinação, propósito e eficácia dos meus antecessores. Dando à política a nobreza, a seriedade, o sentido ético e vontade de servir de que tem de ser permanentemente barrada ou revestida.



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

Mas, e disse também: Continuar Barroso... inovando. Isto é, ajustando a governação à realidade hoje vigente.

Vive-se no país a situação, porventura, mais negra, triste, e difícil da nossa história.

É verdade que já tivemos ou vivemos situações similares. Mas todos temos a consciência de que a solução para a resolução do gravíssimo problema do momento já não está só nas nossas mãos.

E se dos que externamente determinam o nosso destino, particularmente da U.E, que nasceu para promover a solidariedade entre os povos mas que só fomenta divisões e xenofobia pouco ou nada podemos esperar, internamente, assiste-se a uma preocupante incapacidade de tomarmos conta do nosso destino e dar à pátria o rumo certo.

No tempo em que o país mais precisa de homens de Estado, de políticos à altura das exigências e da gravidade do momento.

Agimos, coletivamente, como se a pátria não estivesse em perigo. Como se nada de anormal se estivesse a passar.

Há que reinventar Portugal. Criar desígnios. Definir um rumo.

E um rumo para Portugal não é o aeroporto da OTA, que depois já era em Alcochete e deu no que deu. Nem o TGV, onde rios de dinheiro se gastaram em estudos e adjudicações que agora se tornaram em penosas indemnizações.

Nem as obras feitas a coberto das PPP que remetem vergonhosamente o pagamento das mesmas para as gerações que não de vir!

Um rumo ou desígnio para Portugal é a adoção de políticas de engrandecimento e de valorização que elevem o ego, a autoestima e levem os portugueses a amar e sentir o país muito pra lá dos dias em que joga a seleção e põem bandeiras na janela.

É definir políticas que nivelem os estratos sociais e façam com que todos se sintam filhos do mesmo pai;

É implementar políticas de coesão que conduzam à valorização do território e de promoção do mundo rural.

Somos um território com identidade própria, relicário de valores culturais, ambientais e paisagísticos de fazer inveja.

Um povo hospitaleiro, trabalhador, educado, humilde e paciente.

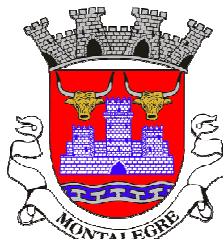
Uma terra alindada naturalmente e valorizada pela infraestruturação feita ao longo destes últimos anos.

Em suma. Uma terra que tem tudo para nela sermos todos imensamente felizes.

Falta gente, é o lamento mais sentido,

Ora gente ou meninos é o que a política ou os orçamentos não dão pra fazer.

E há, tal como no país, um clima depressivo e negativista que se torna imperioso combater. Visão positiva, acreditar na terra e em nós próprios com a convicção de que tudo depende de nós, e uma enorme vontade de correr riscos com inteligência envolvendo os barrosões e a eles agregando meios, é o propósito que me anima e apporto como diretrizes para o mandato que agora se inicia.



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

Envolvendo sobretudo as novas gerações, aquelas em quem a sociedade e as famílias tanto apostaram e que são claramente fruto do forte investimento nas tecnologias e na investigação e a quem foram dadas oportunidades e argumentos para inovar, reinventar e liderar projetos sustentáveis nas mais diversas áreas.

Dentre as possíveis áreas de intervenção – e até que numa das nossas serranias ou montes surjam vestígios de diamantes ou minas de ouro que não sejam fruto de qualquer visionarismo ou resultem de delírios como os do Leonardo, protagonista do romance Terra Fria que virou o Larouco do avesso à procura do tesouro que sonhou escondido debaixo de um penedo - elegi o investimento nos três pilares que, por sinal, são matriz e potencial económico da nossa terra:

- Agricultura
- Pecuária
- Floresta

Anunciei no programa que foi suficientemente sufragado pelos barrosões a canalização de 1.000.000 de euros/ano para apoio a investimentos nesse setor.

Comigo, que ainda tenho o defeito de ser escravo da palavra e fiel às promessas que faço, anunciei e é para cumprir.

Será investimento feito à volta das pessoas que à terra se fixaram, a promovem e valorizam e nela querem viver;

Investimento feito com o dinheiro conseguido numa luta de mais 20 anos com a EDP. Dinheiro que nunca tivemos e que não vai pôr em causa a implementação das muitas obras ainda necessárias ao bem-estar dos barrosões e manutenção das empresas com sede na nossa terra e que aos nossos dão emprego;

Investimento feito a pensar no futuro da terra e dos nossos filhos porquanto a ninguém passará pela cabeça ser possível haver mundo rural sem agricultura, sem florestas, sem animais e muito menos sem pessoas.

Sr. Presidente

Srs. Deputados

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

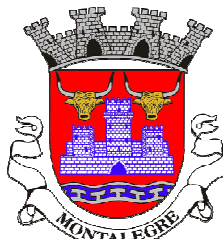
O que acabo de vos transmitir e apontar como linhas mestras de atuação para o mandato resulta da noção que tenho de política e do exercício da mesma.

Diz-se que a política é a arte do possível. Para mim é a arte do necessário.

E nunca por nunca pode ser aquilo que aprendizes atrevidos e mal preparados têm dela perto. Um faz que faz mas não faz. Isto é, muito folclore e pouca substância!

É, pois, dentro desta forma de estar e pensar que, em defesa do interesse dos barrosões, e na relação que uma Câmara tem de ter com o poder central, serei paladino e arauto combatente da defesa do mundo rural.

Portugal não pode ser só Lisboa que, seja ao cheiro da canela das Índias, seja por causa das erróneas políticas dos últimos 30 anos, é um continuado esvaziamento do reino.



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

E o interior não pode ser só paisagem onde lisboeta passa e tire fotografias. Há dois terços do território que urge pensar sob pena de dentro de 10 anos estarem completamente desabitados.

E Barroso, lamentavelmente, está nessa faixa de território há muito abandonado. Deram-nos as autoestradas que nós autarcas insistentemente pedimos e pensámos essenciais ao nosso desenvolvimento. Afinal está-se a ver que não servem para isso. Não criam emprego, não atraem empresas, não fixam a população. São obras de arte. Servem só para a fotografia aérea já que muito poucos as podem usar.

E o que será que faz falta ao interior do país, ao tal mundo rural, matriz e essência da formação do reino e que será causa de desagregação nacional se não forem tomadas já – e já será muito tarde se começarem amanhã – as medidas necessárias à restauração da economia rural e consequente fixação das populações?

Faz falta desenhar políticas onde o poder local e central falem a mesma linguagem e se complementem;

Faz falta que os políticos olhem para o país como os bons especialistas da medicina olham o doente e planeiem as intervenções cirúrgicas que o salvem;

Faz falta pôr de lado tanto obreirismo inconsequente e investir mais em ideias e nas pessoas;

Faz falta, muito concretamente, a implementação de políticas de discriminação positiva que premeiem quem cá quer viver e trabalha e se resigna a não ter a qualidade de serviços que aos grandes centros do litoral é oferecida com o dinheiro dos nossos impostos.

Dar às Câmaras a permissão de poder admitir pessoal ou de selecionar no mercado local, através de concurso, as empresas que dão emprego a quem cá vive é discriminar positivamente.

Como o será também o Estado pôr fim à saga de ações de despejo dos serviços públicos que vem fazendo e que são a maior prova de desprezo para com quem cá vive e que inevitavelmente conduzem à morte social do território.

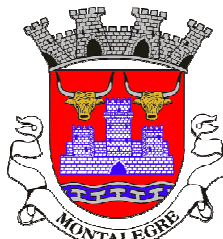
A Administração Central prepara-se, e já anunciou, o propósito de encerrar a secção de Finanças de Montalegre.

Bonita decisão esta de pôr os cidadãos a correr pra Chaves pra pagarem ao que ao Estado é devido e cuja simplificação de procedimentos deveria ser o Estado, no seu próprio interesse, a implementar, por forma, até, a que houvesse menos fuga.

É mais um daqueles serviços mínimos em que a presença do Estado entre nós se faz sentir que está de malas feitas e se vai.

Natália Correia dizia que pátria cheira a padraço, a pai degenerado. No entender dela, devia chamara-se mátria para que trata os cidadãos como uma mãe faz aos seus filhos.

Insensatez e insensibilidade esta de tratar tão mal o interior do país onde não há capacidade reivindicativa!



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

E o pior é que a seguir às Finanças virá o Tribunal, a Casa do Povo, os Correios e as extensões de saúde há muito também sob ameaça.

E antes disto já o mesmo havia acontecido com a Zona Agrária, o quartel da GNR do Baixo Barroso e essa mascarada de reforma que foi a agregação das Juntas de Freguesia.

E tudo ao contrário do que o interior do país precisa! Qualquer dia vai a Câmara! Assim não dá!

Temos direito à indignação e alguém vai ter de confrontar-se com a nossa revolta.

E do jeito que as coisas levam estou certo que o mandato que agora se inicia, será marcado por manifestações de desagrado em defesa dos ditos serviços mínimos que a Administração Central é obrigada a prestar-nos e nos quer retirar.

O município de Montalegre assume desde já o propósito de suportar as despesas com a manutenção da secção de Finanças de Montalegre por forma a que este serviço se mantenha.

Assim o Estado / padraço no-lo consinta e nós manteremos o serviço.

Triste sina a nossa de vermos a glória do passado em que nos acastelámos para defender Portugal das bárbaras investidas ser agora ofuscada pelos que nos querem tornar dispensáveis e querem passar a certidão de morte.

Disse atrás não serem nada esperançosos os tempos que se vivem.

E o município que, de acordo com as medidas trágicas que o Orçamento de Estado anuncia vai sofrer um corte de 360.000 euros com que não contávamos. São mil euros por dia - vai ter de adaptar-se a esta triste realidade.

Vamos ter de poupar onde possamos fazê-lo e das migalhas fazer pão.

Ter emprego, ainda que insuficientemente remunerado, nos dias que correm, é um privilégio. E quem o tem não pode apenas pensar em conforto e direitos adquiridos. Tem de pensar nos que sofrem por não terem trabalho e desesperarem agarrar uma oportunidade.

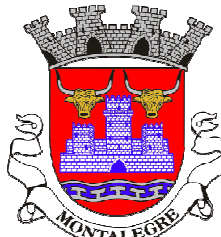
Ora se nos gastos de funcionamento da Câmara pudermos fazer poupança para acudir às situações difíceis que no nosso território socialmente se manifestam estaremos a honrar e a dignificar a condição humana e o exercício da ação política.

Há funcionários desta casa que recebem o salário mínimo. Uma vergonha!

Está-se a estudar uma forma de compensá-los financeiramente para que possam dar um pouco mais de alento e dignidade às suas vidas.

Na lógica da necessidade da poupança anuncio a completa desmaterialização administrativa que deverá estar implementada até finais de 2014. É um investimento que se traduzirá em poupança futura em papel, em cheques, em selos do correio etc. e, sobretudo, dá-se uma imagem de eficácia e de modernização.

Avançaremos ainda para a instalação do balcão único, uma espécie de loja caseira do cidadão e para a descentralização de serviços, nomeadamente em Salto, onde há condições físicas de atendimento e prestação de serviços.



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

No campo social e de apoio às famílias urge tomar medidas que vão além das de continuidade como sejam as de apoio à recuperação habitacional.

E porque as pessoas têm de estar mesmo primeiro; e porque se torna urgente dar um abanão no anacronismo de vermos a natalidade a baixar e castigar quem opta por dar vida à nossa terra obrigando os pais com pesadas prestações mensais no pagamento da creche ou infantário, anuncio a implementação das medidas seguintes:

- Repor o abono de família para os valores em que se encontravam quando criminosamente foram retirados logo que os primeiros sinais de bancarrota se tornaram visíveis - e cuja constitucionalidade nem políticas nem sindicatos quiseram algum dia apurar – aos agregados familiares com 2 ou mais filhos, com rendimento igual ou inferior ao ordenado mínimo e considerando sempre os sinais patrimoniais, de conforto ou de riqueza que exibam e que possam determinar a exclusão.

- Creche gratuita para os agregados familiares em igualdade de situação à anterior descrita;

- Atribuição de um subsídio correspondente à prestação mensal com a creche às mães que têm em casa os filhos à sua guarda;

- Isenção de tarifa de disponibilidade, taxa de saneamento e de resíduos;

Não serão medidas que contribuam significativamente para o povoamento do território.

Mas são sinais que se dão à sociedade de que ter filhos, dar vida à vida, não merece punição!

Senhor Presidente, já vai longa esta minha apresentação.

Chego à presidência da Câmara numa altura de descrença, de desnorte, de depressão económica e sobretudo moral.

A crise financeira instalada no país e cujo fim se não vislumbra faz com que não haja garantias de nada, quer na vida das pessoas, quer na das Instituições.

É caso pra dizer que apareço na pior altura.

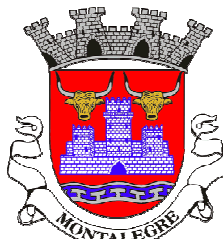
Tenho, porém, a sorte de herdar um município, onde o Fernando Rodrigues fez quase tudo e muito pouco ou nada a faltar já fazer-se.

O mandato ideal seria conseguir apoiar meia dúzia de projetos liderados por jovens independentemente da área a que respeitem;

Seria ter a capacidade de saber envolver a comunidade barrosã nos desafios que a nova realidade socioeconómica a todos coloca e que não cabe só aos políticos resolver;

Seria conseguir dinamização económica e atrair investimento empresarial através da anunciada oferta de terreno e pavilhão nas zonas industriais do concelho para empresas não poluentes que criem postos de trabalho;

O mandato ideal seria conseguir levar a Volta a Portugal ao cimo da serra do Larouco integrando aquele monte sagrado no calendário desportivo nacional;



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

PRESIDÊNCIA

Seria conseguir a Quinta da Veiga para, que verdadeira bolsa de terras colocar no mercado de arrendamento a quem para ela apresente um projeto tecnicamente estruturado;

Seria conseguirmos a chave do Castelo que nos 24 anos que levamos na Câmara nunca conseguimos pôr ao serviço do desenvolvimento turístico de Montalegre;

Seria fazer crer aos Barrosões que o presidente da Câmara não é, como muitos o fazem, o pastor que vai à frente. É pastor que vai atrás, orgulhoso de ver que o caminho é por demais conhecido de todos e que não há ninguém que dele se afaste.

Conseguir tudo isto seria para mim e para a prestigiada e qualificada equipa que me acompanha o momento ou mural que escolheria para lá por uma placa com o meu nome.

Conto com todos os autarcas eleitos, particularmente os senhores presidentes de junta, para de mãos dadas, enfrentarmos os desafios do futuro sombrio que nos espera.

Conto com o sentido crítico e construtivo de uns, as achegas e contributos de outros, conto com o apoio e entusiasmo de todos vós que me distinguistes com a vossa presença.

Conto, sobretudo, com o envolvimento dos barrosões no abraçar das propostas que apresento para, em conjunto **CONTINUAR BARROSO**.

Montalegre, 19 Outubro de 2013

O Presidente da Câmara Municipal de Montalegre

Orlando Alves